

Medo

Era sempre ali, ajoelhada junto da Mabel curvada sobre a sua presa, que os pensamentos chegavam, perante a questão de como poderia estar a fazer aquilo, de como poderia estar a caçar. Odeio matar seres vivos. Detesto pisar aranhas e riem-se de mim por salvar moscas. Mas agora, pela primeira vez, compreendia a sede de sangue que tudo aquilo envolvia. Só fazia sentido quando o meu olhar se alinhava com o do açor, mas nessa altura fazia mais sentido do que qualquer outra coisa no mundo. Quando via aves voar lá no alto, voltava a cabeça e seguia-as com uma espécie de nostalgia.

Caçar com uma ave de cetraria levou-me ao limite do ser humano. Em seguida, transportou-me para qualquer sítio onde eu já não era humana. O açor a voar, eu a correr atrás dele, a terra e o ar como um padrão de pormenores profundos e curvos, suficientes para bloquear o que quer que se assemelhasse ao passado ou ao futuro, e a única coisa que importava era os trinta segundos seguintes. Sentia a brisa outonal levantar-se bruscamente sobre o cimo redondo da colina, e a necessidade de mudar de rumo para a esquerda, de me dirigir à encosta abrigada onde estavam os coelhos. Rastejava, caminhava e corria. Acocorava-me. Olhava. Via mais do que alguma vez tinha visto. O mundo acumulava-se à minha volta. Fazia um sentido absoluto. Mas as únicas coisas que eu sabia tinham a ver com aves de presa, e os fios que me puxavam

pela paisagem eram os mesmos que puxavam o açor: fome, desejo, fascínio, necessidade de encontrar, de voar e de matar.

Porém, cada vez que o açor apanhava uma presa, puxava-me para trás de modo que eu deixava de ser um animal e me tornava de novo humana. Esse era o grande enigma, que se desenrolava vezes sem conta. Como os corações param. Um coelho prostrado numa pilha de folhas agarrado por oito garras, o açor a cobri-lo com as asas, com a cauda aberta, os olhos flamejantes, com as penas da nuca erguidas numa postura tensa e feroz. Então eu estendia a mão e pousava-a nos músculos contraídos do coelho, e com a parte posterior da palma da mão na parte de trás da sua cabeça, na qual o pelo era macio e fulvo, puxava-lhe com força as patas traseiras, uma, duas vezes, e partia-lhe o pescoço. O animal esperneava e os olhos tornavam-se turvos. Tinha de verificar se o coelho estava morto tocando-lhe suavemente num olho. Tudo a parar. A parar. A parar. Tinha de fazer aquilo. Se não matasse o coelho, o açor pousaria em cima dele e começaria a comer e, entretanto, o coelho morreria. É assim que os açores matam. Os limites entre a vida e a morte encontram-se a dado passo durante a refeição. Não podia permitir esse sofrimento. Caçar faz de nós animais, mas a morte de um animal torna-nos humanos. Ajoelhada ao lado do açor e da presa, sentia uma enorme responsabilidade a desferir pancadas dentro do meu peito, que ia aumentando até ficar do tamanho de uma catedral.

Durante anos tinha manifestado preferência por comer alimentos apanhados por uma ave de rapina, em vez de animais que viviam cegos ou amontoados em estábulos ou gaiolas de bateria. Num minuto o coelho está ali, a torcer o nariz num campo que cheira a urtigas e a raízes de erva, em seguida está a correr, depois é apanhado e por fim morto. Dissera às pessoas que não há feridas na cetraria: ou as presas são apanhadas ou escapam. E também lhes dissera que não há nada perdido: tudo que o açor caça é comido por ele ou por mim. Se uma pessoa opta por

comer carne, afirmara eu, esta é a melhor maneira que conheço de a conseguir.

Mas agora estes argumentos pareciam-me mesquinhos e absurdos. Não me identificava absolutamente nada com o que se passava. Estar ali, com uma ave de presa e um coelho que se contorcia, esperneava e morria. E o mundo a morder dentro de mim. O grande enigma, o enigma supremo que era a morte e a partida. «Mas como foste capaz?», perguntavam-me. Alguém disse que era uma forma de destruir o mundo, aos poucos, depois da morte do meu pai. «Tu eras os coelhos?», perguntou outra pessoa. Não. «Estavas a matar-te a ti própria?» Não. «Isso entristecia-te?» Sim. Mas a tristeza não era por ter matado um animal. Era pena *do* animal. Lamentava a sua sorte. Não por sentir que eu era melhor do que ele. Não era uma tristeza condescendente. Era a tristeza causada por todas as mortes. Sentia-me feliz com o êxito da Mabel e chorava aquele coelho. Ajoelhada junto ao seu corpo sem vida, tinha a nítida consciência dos meus limites. A chuva batia-me na gola. Uma dor no joelho. Os arranhões nas pernas e nos braços por ter passado através de uma sebe que, até àquele momento, nunca tinha magoado ninguém. E uma compreensão profunda, indizível da minha própria mortalidade. *Sim, vou morrer.*

Aprendi essa responsabilização momentânea, que me permitia ministrar o golpe de misericórdia a um coelho bem preso pelos pés da Mabel. Uma parte de mim encaixava naquela situação e havia outra parte que eu tinha de manter à distância. Não há melhor frase para descrever esse processo do que a velha expressão: *Tens de endurecer o coração.* Aprendi que endurecer o coração não era o mesmo que não querer saber. O coelho era sempre importante. Nunca o matava de ânimo leve. Eu era responsável por essas mortes. Pela primeira vez na vida já não era uma observadora. Era responsável perante mim própria, perante o mundo e todas as coisas que ele contém. Mas só quando matava. Os dias eram muito sombrios.

Ainda se tornaram mais sombrios. Certa tarde, ao regressar a casa de carro, passei por um grupo de caminhantes que fitavam um coelho acorado na erva da berma do outro lado da estrada. Estavam apreensivos e tinham os ombros curvados de preocupação. Estacionei um pouco mais adiante e fiquei à espera. Não me apetecia falar com eles, mas a sua angústia despertou-me a atenção. Sabiam que o coelho estava doente e queriam fazer qualquer coisa, mas ninguém sabia o que fazer, nem era suficientemente corajoso para se aproximar. Durante minutos intermináveis ficaram a olhar, incapazes de intervir e sem vontade de se irem embora. Depois continuaram a andar. Quando partiram, saí do carro e dirigi-me à bola de pelo. Era um coelho pequenino. Tinha os músculos lesionados, a cabeça coberta de tumores, os olhos inchados e com ampolas. Estava coberto de lama. Não via. «Oh, coelhinho», disse eu. «Tenho muita pena de ti.» Inclinei-me, endureci o coração e pus termo à sua triste situação.

O coelho sofria de mixomatose. Esta doença chegou à Grã-Bretanha em 1952 e, em dois anos, o vírus – proveniente da América do Sul, mas já introduzido pelos humanos na Austrália e na Europa – matou noventa e cinco por cento da população de coelhos britânica. Dez milhões de cadáveres empapados em chuva cobriam as estradas e os campos, e o seu desaparecimento teve graves efeitos nas regiões rurais: os pastos que serviam de alimento aos coelhos cobriram-se de arbustos e as populações de predadores entraram em declínio. Depois os coelhos recuperaram, ainda que nunca tenham voltado aos números que considerávamos normais. Embora atualmente o vírus seja menos ameaçador, ainda se verificam surtos da doença.

Aquele coelhinho enrolado numa bola não me saía da cabeça. Era como um fantasma, um ser regressado do passado, de quando eu era pequena e as zonas rurais estavam em crise. Não eram só os coelhos a morrer. As populações de aves de rapina estavam em queda livre devido aos pesticidas agrícolas.

Ulmeiros esqueléticos eram abatidos e queimados. As lontras tinham desaparecido, os rios estavam envenenados, havia airos que se afogavam em mares repletos de petróleo. Tudo estava doente. E eu sabia que nós seríamos os próximos. Todos nós. Sabia que numa manhã se ouviria uma sirene, depois ver-se-ia um duplo clarão no horizonte e eu ergueria os olhos para uma nuvem distante, em forma de cogumelo, e depois os resíduos chegariam transportados pelo vento. Poeira invisível. E tudo ficaria morto. Ou então voltaríamos à Idade da Pedra e viveríamos vestidos com farrapos, amontoados à volta de ruínas e de fogueiras fumegantes. Mas mesmo esse pequeno sonho de sobrevivência foi frustrado. «Vamos construir um abrigo contra partículas radioativas debaixo do jardim?», perguntei aos meus pais, numa tarde depois da escola. Eles entreolharam-se. Talvez não tivessem percebido, pensei, pelo que continuei. «No folheto diz que devíamos construir um abrigo debaixo das escadas e debaixo da nossa não há espaço suficiente para vocês, para mim e para o James.» Seguiu-se uma longa pausa, e eles explicaram-me que a nossa casa ficava muito próxima de diversos alvos militares muito importantes. «Não vale a pena preocuparmo-nos», disseram eles. «Não vai haver partículas. Se houver uma guerra, nem sequer vamos saber o que se passa. Seremos instantaneamente pulverizados.» Escusado será dizer que aquilo não ajudou nada. Rabisquei o meu nome em pedaços de ardósia e enterrei-os o mais fundo possível no jardim. Talvez fossem sobreviver ao apocalipse.

A arqueologia da dor não é ordenada. Assemelha-se mais a terra a ser remexida por uma pá a revolver o que estava esquecido. Coisas surpreendentes: não apenas recordações, mas estados de espírito, emoções, maneiras mais antigas de ver o mundo. O coelho era um fantasma do apocalipse da minha infância, e

mais tarde, nessa semana, apareceu outro. Não era um coelho, mas um livro. Tinha-o tirado da estante do meu amigo: uma nova edição de *The Peregrine* de J. A. Baker, a história de um homem a observar obsessivamente falcões-peregrinos que passavam o inverno nos campos do Essex, no final da década de 1960. Não o lia havia anos e recordava-o como uma celebração poética da natureza. Mas, quando comecei a relê-lo, descobri que não era nada assim. *Isto*, pensei com um arrepio, *vem do mesmo lugar que aquele coelho*. Vi nele o desejo tenebroso do escritor de morte e aniquilação, um desejo disfarçado de elegia por aves que voam em céus envenenados, falcões com um brilho de estanho e tão resplandecentes como sol refletido, já do domínio da recordação antes de terem partido.

Tinha medo de Baker e do que ele significava. Não tinha tanto medo de White. Apesar do seu fracasso com o Gos, apesar do seu desejo de crueldade e das suas horrorosas ideias políticas, White combatia a morte com firmeza. Ele amava as pequenas coisas do mundo e, sabendo que a guerra ia rebentar, vivia na esperança de milagres. No livro de Baker não via nenhuma esperança. Para ele o mundo estava moribundo e as suas aves de rapina eram ícones de extinção: da nossa, da delas e da sua própria. Nele não havia luta. Partilhava o destino dos falcões e não tinha alternativa senão segui-los. Era atraído por eles tal como as gaivotas e as tarambolas do seu livro se erguiam impotentes perante o ataque mortífero do falcão-peregrino, ao mesmo tempo que os bicos-bússola de todas as pequenas aves escondidas nas sebes apontavam com temor para o íman que era o falcão no ar. Não havia nomes de lugares nem pessoas no seu livro. Tinham desaparecido. Agora eu percebia isso melhor, pois conhecia a influência exercida pelo açor e sabia que o mundo poderia desaparecer na luz que projetava. Mas as aves de rapina dele eram feitas de morte. Perturbada, tinha esperança de que o meu açor fosse vida. Essa era a minha grande esperança.

Nunca acreditara nos falcões de Baker, porque conhecera outros, reais, antes de ler o livro dele: aves de falcoeiro alegres, sociáveis, que cuidavam das penas em relvados suburbanos. Mas a maioria dos meus amigos que gostavam de aves tinha lido o livro de Baker antes de as verem ao vivo, e agora não conseguem ver falcões-peregrinos reais sem que invoquem a distância, a extinção e a morte. Os seres selvagens são feitos de histórias humanas. Em criança, odiava o que White sentia pelo seu açor. Mas o fantasma do Gos movia-se por trás dos contornos das penas vivas do meu açor. E por trás dele ainda havia fantasmas mais sombrios.

Há uns anos, visitei um amigo que na época era o presidente do Clube de Falcoeiros Britânicos. Conversámos enquanto tomávamos chá e comíamos bolachas. Falámos durante algum tempo sobre a história da falcoaria e do Clube, e depois dele disse: «vem ver isto.» E abriu um armário, e aí, mesmo no fundo, na semiobscuridade produzida pelo habitual bricabraque, vi-o.

«*Santo Deus*», exclamei. «É isto, Gordon?»

Ele olhou para mim e acenou afirmativamente. «Detesto-o», disse ele. «Não suporto tê-lo em casa.»

Acocorei-me e puxei-o para fora. Era um falcão de bronze sobre uma base vertical, pesado, estilizado e ligeiramente gasto à volta das asas.

«Caramba, Gordon. Isto mete-me medo», disse eu.

«A mim também», foi a resposta dele.

A estatueta era muito valiosa e foi esculpida com perfeição, embora ambos preferíssemos que nunca a tivessem feito.

Em 1937, Gilbert Blaine e Jack Mavrogordato foram convidados para a Exposição Internacional de Caça na Alemanha. Viajaram até Berlim com uma demonstração de falcoaria britânica: falcões empalhados empoleirados em alcândoras, equipamento de falcoaria, fotografias, livros e pinturas. Suspeito de que a sua presença, decidida à última hora, era em parte uma cobertura

diplomática: viajava com eles Lord Halifax, Ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, que era pró-apaziguamento e que fora convidado para o evento a fim de ter conversações secretas com Hitler.

Não havia mais de cinquenta falcoeiros em toda a Alemanha, mas o simbolismo da falcoaria florescia no Reich. Na capa do catálogo da exposição, um *Übermensch* nu, estilizado, tinha no punho uma ave de cetraria dourada. A primeira associação nacional de falcoeiros, a *Deutscher Falkenorden*, era apoiada pelo Estado, e um vasto Centro de Falcoaria do Estado, de madeira e pedra, o *Reichsfalkenhof*, fora construído pouco tempo antes em Riddagshausen. Em Berlim, Blaine e Mavrogordato percorreram pavilhões com paredes cobertas por milhares de chifres de gamo e estandartes vermelhos com suásticas. Admiraram as aves de presa alemãs, falcões e águias empoleirados em alcândoras nos corredores, mas ficaram menos impressionados com as demonstrações de falcoaria ao ar livre. Viram um falcão-sacre apanhar um pombo amarrado, e uma águia ser atirada a um coelho tão manso que continuou sentado a comer erva até a águia pousar.

Apenas dois países representaram a falcoaria na exposição de Berlim. A Alemanha ganhou o primeiro prémio e o Clube dos Falcoeiros Britânicos o segundo. O falcão de bronze que eu tirei do armário de Gordon era o prémio deles. Enviaram-no para o clube depois da exposição por Hermann Göring. Foi o braço direito de Hitler, comandante-em-chefe da *Luftwaffe*, o *Jägermeister* do Reiche, o homem que incendiara o Reichstag. Adorava a falcoaria, não apenas por considerá-la o desporto romântico dos antigos reis teutónicos, mas porque as próprias aves de cetraria eram uma elite natural, a perfeita representação da ideologia nazi na natureza: modelos vivos de poder, sangue e violência capturavam sem sentimentos de culpa seres mais fracos do que eles. O retrato de Göring da sua ave de rapina favorita, um falcão-gerifalte branco pousado num penhasco, é profundamente fiel às convenções da

pintura de retratos nazi: banhado pela luz matinal, com as asas meio abertas, o falcão olha friamente à distância. E Göring também tinha um açor treinado: anos antes, eu vira-o empalhado e montado sobre um ramo num arquivo americano. Era um grande açor com plumagem adulta, ainda com pioses e cascavéis e com os dedos secos à volta de um ramo empoeirado. Estava montado na perfeição. Alguém se esforçara por fazê-lo parecer vivo. Gelada, fitei os seus olhos de vidro, questionando-me se teria relações de parentesco com o Gos. Havia boas hipóteses de ser primo do açor de White, pois o homem que pintara o falcão-gerifalte de Göring, o homem que estava à frente da *Deutscher Falkenorden*, que conseguira que o Estado patrocinasse a falcoaria e que fundara o *Reichsfalkenhof* era Renz Waller. Foi ele o homem que enviara o Gos a White; o homem a quem White escrevera a suplicar outra ave de rapina. E que lhe respondera, umas semanas mais tarde, dizendo que sem dúvida tentaria «conseguir-lhe outro Gos com menos de um ano».

Um novo açor! Entusiasmadíssimo, White retirou a tampa da caneta e escreveu *Plan for a Passage Gos* na capa interior do seu novo exemplar do *Treatise* de Bert. Elaborou planos de treino pormenorizados, que deixavam transparecer um novo domínio da matéria. «Observá-lo nessa noite, mantendo-o em constante movimento», escreveu. «Ter um ajudante para fazer turnos durante este processo.» Mas o novo açor nunca se concretizaria. Na véspera do dia em que deveria chegar, White foi levado de urgência para o hospital com uma apendicite – como se o seu corpo se revoltasse diante da perspectiva de mais uma batalha esgotante. A ideia do bisturi do cirurgião aterrorizava-o. «De qualquer maneira obscura, fez-me sentir mais limpo», escreveu a John Moore, depois da operação. «Penso que, afinal, sou corajoso e senhor da minha alma.» Sobrevivera à crise e regressara

a casa. Durante algum tempo, fez a corte a Stella, a enfermeira da noite que cuidara dele no hospital – embora a considerasse um ente completamente diferente, e quando percebeu que ela talvez nutrisse por ele sentimentos sinceros, desprezou-a com crueldade.

O inverno foi longo e sombrio. Havia qualquer coisa mítica na lenta transição da neve para o degelo, de novo para a neve, para a lama, o desconsolo e a doença, como se, a viver durante esse processo, passasse por muitas eras. A esperança regressou com a primavera. Encheu a casa de órfãos: pombos e pombas implumes, um mocho fulvo chamado Arquimedes e um par de texugos bebés. Depois, em abril, White viajou até Croydon para ir buscar um novo açor, a quem deu o nome de Cully. A ave encontrava-se num estado deplorável. Ao ser apanhada numa armadilha, metade das penas da cauda, bem como a maioria das primárias da asa esquerda, tinham-se partido. De cenho carregado, White debruçou-se sobre diagramas de livros de falcoaria, cortou penas de abutre do tamanho adequado e colou-as e coseu-as aos cálamos aparados das asas e da cauda. *Enxerto*, era como chamavam a isso: ele sabia que essa era uma das Grandes Artes dos falcoeiros. Mas o trabalho saiu mal, e, de tanto se debater ao longo das oito semanas de treino, a ave ficou sem cauda, sem parte das asas e praticamente incapaz de voar.

Mas voou. O açor voou em liberdade. Com o credo na boca, White largou-o. Finalmente, iria caçar com uma ave de presa que ele próprio treinara. Os seus sonhos ofuscantes de autossuficiência, os seus sonhos de crueldade inocente estavam ao seu alcance. Mas a estação ia avançada, e ele sabia que Cully devia ser fechada para a muda. As aves de rapina mudam de penas, que são substituídas uma vez por ano, e, durante esse período, não são largadas, mas ficam soltas num recinto fechado espaçoso e são alimentadas *ad libitum*. Porém, ele necessitava desse êxito. E um certo fim de tarde, nas Ridings, depois de dias numa busca

de presas infrutífera, soltou o açor que partiu no encalço de um coelho na Riding de Tofield e, após um voo infeliz e irregular – a dada altura a correr atrás da presa em vez de voar –, Cully agarrou-o pela cabeça. White precipitou-se para o local, pegou na faca de caça e cravou o crânio do coelho no solo. Desejos que nunca haviam florescido durante a corte que fizera à enfermeira foram desencadeados numa vaga de trevas. «Se pensarmos no Desejo», escreveu ele sobre a morte do coelho, «o verdadeiro desejo de sangue é assim.»